

## **PRISCILA REZENDE, UM CORPO-ARTE EM PROTESTO**

Priscila Fernandes Lacerda<sup>1</sup>, Célia Maria Antonacci<sup>2</sup>

1 Acadêmica do Curso de Licenciatura em Artes Visuais - bolsista PROBIC/UDESC

2 Orientadora, Departamento de Artes Visuais – celia.antonacci@gmail.com.

Palavras-chave: Performance. Arte. Gênero. Raça.

Esta pesquisa objetiva contribuir para pensarmos como artistas afro brasileiras têm se utilizado de seus próprios corpos enquanto matéria e suporte ao trazerem em seus trabalhos como tema central questões relacionadas à opressão racial e de gênero.

Ainda que a produção artística africana seja bastante significativa no Brasil, muito pouco tem se pesquisado sobre a produção artística africana contemporânea, e menos ainda sobre a produção de artistas afro-brasileiras. No contexto desta pesquisa, procuro me dedicar a artistas afro-brasileiras contemporâneas que trazem o corpo como conceito e linguagem, como Priscila Rezende, Olivya Bynum, Michelle Mattiuzzi, Juliana do Santos, Renata Felinto. Neste estudo, porém, me detenho principalmente à produção da artista Priscila Rezende.

A perspectiva teórica adotada nesta pesquisa segue os Estudos Culturais, e a abordagem metodológica se constitui de um levantamento bibliográfico sobre os temas arte africana contemporânea, arte afro-brasileira e performance, bem como de conceitos pertinentes ao tema, e ainda de pesquisas em redes sociais e sites de artistas. Conceitos de identidade cultural, tradição, diáspora e África, etnia, raça e multiculturalismo, dentre outros tantos explorados por Hall, são fundamentais para pensarmos a produção artística africana contemporânea nesta perspectiva. Nesse sentido trago ainda conceitos de raça, racismo e identidade propostos por Munanga.

De acordo com Souza (2017), as construções raciais históricas, que surgem de discursos científicos deterministas responsáveis por disseminar estigmas racistas no imaginário social, refletem no campo artístico. Tais categorias raciais “invadem a arte e produzem, conseqüentemente, expressões artísticas sustentadas em uma noção de hierarquia racial.” (SOUZA, 2017, p.282). Souza (idem) nos propõe a reflexão acerca da prática colonialista no espaço epistemológico artístico, e do racismo estrutural presente na perspectiva teórica adotada mais especificamente no campo teatral, que estabelece os parâmetros de o que pode ser considerado arte ou não desde uma visão eurocêntrica, relegando a um lugar subalterno “todo um campo artístico afro-diaspórico, negando-o na condição de arte” (2017, p.288).

O corpo negro carrega em si marcas e memórias de uma história de colonização, exploração, violência estrutural, e os estigmas do racismo contemporâneo. Da mesma forma, o corpo feminino carrega em si os estigmas e marcas da violência e dominação patriarcal. Muitas artistas têm reivindicado seus corpos como lugar de protesto, contestação e resistência ao utilizá-los como meio e suporte para propor uma poética carregada de crítica sociopolítica, trazendo como tema central, por meio da performance, questões de opressão racial e de gênero e uma forte crítica ao discurso colonial. Hall em “Que negro é esse na cultura negra?” nos traz a reflexão de como as tradições diaspóricas têm encontrado sua vida cultural principalmente na música e no corpo, “como se ele fosse, e muitas vezes é, o único capital cultural que possuímos”. Ele ainda

afirma: “temos trabalhado em nós mesmos como telas de representação” (HALL, 2003, p.343).

Desde diferentes contextos sociais, políticos e geográficos, artistas negras têm reivindicado a arte como instrumento de resistência e denúncia da histórica exploração e dominação colonial, da opressão de gênero e do racismo contemporâneo que marcam as vivências e os corpos das mulheres negras ainda na atualidade. N’Goné Fall (2007) cita alguns exemplos de mulheres artistas que foram precursoras ao trazer as problemáticas do patriarcalismo e da colonização em África, como Sue Williamson (da África do Sul), Sokari Douglas Camp (Nigéria), Jane Alexander (África do Sul), Ghada Amer e Marlene Dumas (África do Sul). Lorraine O’Grady, afro americana, está entre as pioneiras ao trazer estes temas para o campo artístico por meio da performance. Nesta pesquisa me detenho ao trabalho de artistas afro brasileiras da performance, e mais especificamente à produção da artista Priscila Rezende.

Priscila Rezende (Brasil, 1985) é artista visual de Belo Horizonte, graduada em Artes Visuais pela Escola Guignard-UEMG (Belo Horizonte, Brasil) com habilitação em Fotografia e Cerâmica. A artista traz, por meio de trabalhos em performance, a questão do corpo feminino negro e do imaginário social em relação ao mesmo: seus trabalhos se constituem de protestos contra uma cultura machista e racista, e vêm no sentido de expor e problematizar estigmas e estereótipos atribuídos socialmente ao corpo da mulher negra. Em “*Vem... Pra Ser Infeliz*” (2017), um dos recentes trabalhos da artista, Priscila Rezende expõe ironicamente a reprodução estereotipada da sexualização e fetichização do corpo da mulher negra, um símbolo do carnaval, onde a artista dança ao som de samba-enredo ininterruptamente até a exaustão, encontrando-se seminua e utilizando uma máscara de Flandres.

Segundo Souza (2017, p.289, citando TAVARES, 2012, p. 81) o corpo do sujeito diaspórico se constitui como “arquivo e arma”. O corpo se faz elemento potente, local de resistência à imposição cultural, ao controle, à colonização. As práticas corporais portanto se constituem enquanto saberes e práticas de resistência que emergem na “necessidade de sobreviver em um território que impõe uma língua e uma cultura do colonizador.” (SOUZA, 2017, p.289). Ainda segundo a autora, “as práticas artísticas e culturais criadas a partir do contexto diaspórico são ações políticas, modos de agir no mundo, respostas éticas e confrontais para intervir e transgredir o saber colonial imposto” (2017, p. 289).

#### Referências bibliográficas:

FALL, N’Goné. **Criando um espaço de liberdade: mulheres artistas de África**. Ensaio extraído do catálogo da Exposição Global Feminisms, Museu do Brooklyn, Nova Iorque, 2007.

HALL, Stuart. **Da Diáspora. Identidades e mediações culturais**. In. SOVIK, Liv (Org.) Belo Horizonte: Ed UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

SOUZA, Julianna Rosa de. **Personagem Negra: uma reflexão crítica sobre os padrões raciais na produção dramática brasileira**. Rev. Bras. Estud. Presença, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 274-295, maio/ago. 2017.